

A ARTE COMO MEDIADORA NA CONSTITUIÇÃO HUMANA: UMA VISÃO INTEGRADORA DAS TEORIAS DE JUNG E DE STEINER

ART AS A MEDIATOR IN THE HUMAN CONSTITUTION: AN INTEGRATIVE VIEW OF JUNG AND STEINER'S THEORIES

EL ARTE COMO MEDIADOR EN LA CONSTITUCIÓN: UNA VISIÓN INTEGRADORA DE LAS TEORÍAS DE JUNG Y STEINER

Iarê Sandra Cooper¹

<https://orcid.org/0000-0003-1408-4236>

ROMANELLI, Rosely Aparecida. A PEDAGOGIA WALDORF: formação humana e arte. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2018. v. 2. 269 p.

Em seu primeiro capítulo, *A psicologia junguiana como aporte teórico para o entendimento da razão e sensibilidade*, Romanelli nos guia pelo caminho descrito por Carl Jung para o desenvolvimento saudável das faculdades anímicas do ser humano, ou seja, o caminho para o equilíbrio entre consciente e inconsciente. Nesse capítulo, a fim de aclarar como a teoria junguiana converge com a teoria steineriana, a autora expõe conceitos fundantes e fundamentais da teoria de Jung tais quais, *individuação, símbolo, arquétipo, intuição, consciente e inconsciente, anima e animus, si-mesmo*, dentre outros.

Ao descrever minuciosamente as principais características dos *tipos introvertido e extrovertido*, a autora oportuniza, de modo didático, a compreensão de que, na teoria junguiana, para cada *tipo* (introvertido ou extrovertido) há um modo de se posicionar perante o objeto de conhecimento, social ou físico, apontando, inclusive, para os danos e riscos de se polarizar ou extremar um ou outro modo de ser e pensar. Segundo a autora, para Jung, o *tipo extrovertido* se posiciona positivamente perante o objeto, orientando sua atitude subjetiva na direção deste. Enquanto que o *tipo introvertido* busca prevenir-se da influência do objeto, abstraíndo-o, ou seja, deixando-o fora de suas funções

¹ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGEdu - UNEMAT Professora colaboradora na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Campus Paranaguá. iarecooper@yahoo.com.br; iare.cooper@unespar.edu.br

básicas. A autora segue apresentando, de forma clara e concisa, as possíveis relações entre os *tipos* e as quatro funções humanas psicológicas básicas, a saber: *pensamento e sentimento; intuição e sensação*.

Dentre as relações teóricas, Romanelli compara o papel da atividade artística na metodologia Waldorf na elaboração dos conteúdos simbólicos, advindos do inconsciente, ao papel da imaginação ativa no processo de individualização, trabalhado na terapia junguiana, ressaltando que, em ambos os casos, os conteúdos que surgem do inconsciente são elaborados com o auxílio do consciente.

No mesmo capítulo, a autora utiliza-se da obra de Gilbert Durant para rematar suas considerações sobre a psique humana enquanto universo simbólico. A partir do esquema de organização de imagens em regimes e estruturas, Durant atribui ao regime diurno, as estruturas esquizomórficas ou heroicas e, ao regime noturno, as sintéticas ou dramáticas e as místicas ou anti-frásicas. Desse modo, é possível compreender as polaridades da alma humana, uma vez que os esquemas verbais, os arquétipos substantivos e os símbolos compõem o universo simbólico de cada um dos regimes e suas respectivas estruturas. Durant ainda é citado pela autora, no capítulo subsequente, em que apresenta seu conceito de conhecimento hermético, relacionando-o ao conceito de conhecimento na antroposofia o qual, segundo a autora, o “ponto de partida desse método é o próprio processo intelectual, que (...) dispõe-se a ampliar-se para uma dinâmica processual e intuitiva, por meio de um caminho meditativo, resignificando as dimensões existenciais presentes nas antigas sabedorias e tradições da humanidade.” (p. 64).

Trata-se de um importante capítulo, não somente para o entendimento da obra da autora, bem como para contextualização, ou até mesmo, familiarização à primorosa teoria de Carl Gustav Jung e que, por conta da delimitação desta resenha, não poderá ser devidamente esmiuçado aqui.

No capítulo seguinte, *A pedagogia Waldorf como arte de educar*, a autora apresenta a influência das teorias de Friedrich Schiller e Johann Wolfgang von Goethe na cosmovisão steineriana, buscando a relação entre o processo criativo e o de conhecimento de si, uma vez que é por meio do processo de criação que o indivíduo torna-se sensível e consciente. A partir da leitura de Marcelo da Veiga, a autora apresenta os princípios fundantes da teoria de Schiller, destacando que Ruldolf Steiner busca basear sua teoria do desenvolvimento cognitivo, no que tange à teoria schilleriana, dentre outras coisas, no equilíbrio entre o impulso sensível (sentidos) e o impulso formal (razão), entendendo que o nascimento do belo decorre desses dois impulsos

antagônicos.

O papel da teoria de Goethe é igualmente importante para o entendimento do pensamento steineriano, uma vez que aquele vem consolidar a ideia deste sobre a intrínseca relação entre a arte (e o processo criativo) e o desenvolvimento do conhecimento humano. Por essa razão, a autora segue descrevendo, brilhante e didaticamente, a teoria de Steiner e suas relações com as teorias de Schiller e de Goethe, apontando, primordialmente, o papel da arte no processo educativo. Assim, a autora destaca a importância do professor Waldorf em buscar “o desenvolvimento de qualidades essenciais à formação humana, como a observação, a sensibilidade, a imaginação, a inspiração e a intuição, que, por sua vez, alimentam o processo criativo.” (p. 66). Observando e respeitando, sempre, o tempo e as potencialidades dos educandos, como, por exemplo, não forçar o pensamento abstrato enquanto os mesmos não tiverem desenvolvido o amadurecimento adequado.

No mesmo capítulo, a autora traz a concepção de homem, educação e sociedade na cosmovisão antroposófica. Steiner apresenta o homem como um ser que compreende mais que aspectos terrenos. Para o autor, o homem é portador de quatro entidades (ou corpos): o *corpo físico*; o *corpo etérico*; o *corpo astral*; e o *EU*. A cosmovisão entende, ainda, o ser humano como uma entidade trimembrada, formada por corpo, alma e espírito. A organização corpórea, segundo Steiner, é organizada, também, por três sistemas ou membros, que correspondem ao *sistema neurossensorial*, ao *sistema rítmico* e ao *sistema metabólico-motor*, sendo que a cada um desses corresponde, respectivamente, ao pensar, ao sentir e ao querer. A partir dessa perspectiva, devidamente ampliada pela autora no referido capítulo, Steiner entende o papel da educação, e do processo de desenvolvimento cognitivo, como a busca do “equilíbrio entre as tendências do pensar e do sentir para a educação da vontade – o querer” (p. 96). Sendo, segundo a autora, a educação infantojuvenil e a autoeducação do adulto, o caminho indicado para a melhor condução e resolução das questões pertinentes à vida social e cultural, na visão antroposófica.

No mesmo capítulo, a autora expõe a relação entre conhecimento, arte, religião e moralidade na perspectiva steineriana. Steiner reintegra ciência e arte, propondo que a observação científica congregue em sua essência a observação de cunho artístico, fusão que denomina como conhecimento imaginativo. O autor preconiza a necessidade de se observar e tornar consciente a atividade interior humana e aponta a pedagogia Waldorf como caminho primordial para desenvolver as faculdades anímicas, oportunizando às crianças, enxergar o mundo de maneira artística. A autora ressalta a necessidade de se

por em ação as forças da fantasia e da imaginação antes de se trabalhar o intelecto da criança, oportunizando a esta a capacidade de religar conhecimento e arte na elaboração de conceitos.

O segundo capítulo é encerrado pela autora, apresentando e exemplificando vivências artísticas que permeiam o cotidiano da educação de visão antroposófica, desde a educação infantil, passando pelo ensino médio e contígua aos cursos voltados aos adultos. A autora nos apresenta com a descrição e com imagens de atividades envolvendo desenhos de formas, desenho livre, pinturas abarcando a dinâmica das cores, modelagem, trava-línguas e recitação para o aprimoramento da fala, de escrita por meio de imagens, pequenos versos, dentre outras. A cada ano, as atividades vão se aprimorando, passando pela passagem do uso de tintas e penas de ganso na pintura, leitura da escrita produzida pela criança, contos, uso da euritmia, trabalhos manuais e artes plásticas, costura e bordado, confecção de animais e bonecos de pano, sendo que a costura também vai sendo aprofundada com o passar dos anos, passando a conserto e remendos, além de vivências variadas com artesanato, jogos e teatro. A vivência artística, além de ser experienciada individualmente, é ampliada pela vivência em grupo, em que o trabalho compartilhado visa a atingir a um objetivo comum, como no caso da apresentação de uma produção teatral.

A importância da arte na educação é expressa também no terceiro capítulo, *A arte na Pedagogia Waldorf*, em que a autora, a partir da *Doutrina das Cores*, de Steiner e da teoria junguiana, apresenta elementos que corroboram para o entendimento de que as atividades artísticas, devidamente aplicadas, respeitando o tempo e as condições de cada um dos setênios do desenvolvimento, oportunizam a constituição do ser humano como ser integral, integrando o sentir, o querer e o pensar, uma vez que, “o homem se autocria por meio de sua ação criadora sobre a matéria que ele transforma” (p. 149).

No mesmo capítulo, Romanelli expõe as atividades artísticas correnspondentes a cada ano do ensino Waldorf, bem como o papel do/a professor/a nesse percurso, lembrando a necessidade deste/a em “ter coragem para assumir suas imperfeições, pois só assim será capaz de tornar o ensino em algo *vivo*, espontâneo e alegre.” (p. 156).

No quarto capítulo, *A análise das aquarelas*, Romanelli apresenta a análise descritiva dos trabalhos com aquarelas desde o primeiro ao oitavo ano na pedagogia Waldorf. A partir desse capítulo, a autora exhibe as imagens das produções artísticas das crianças e adolescentes sendo, desse modo, possível compreender como é desenvolvida essa atividade, orientada pela *Doutrina da Cores* de Goethe. “Segundo Goethe, as cores possuem qualidades capazes de

proporcionar vivências emocionais e é essa a intenção no trabalho com aquarela...” (p. 159). Nos anos iniciais é trabalhada a vivência das cores, sem uso de formas ou contornos, sendo que esses são acrescentados no decorrer dos anos, bem como o uso de mistura de cores para obtenção do cinza, sem o uso de cor preta ou branca. Para cada ano de ensino Waldorf, a autora traz modelos de aquarelas, analisando uma a uma, destacando o processo de desenvolvimento e aprimoramento dos educandos. É interessantíssimo notar o “aparecimento” das formas, das luzes e sombras, e das novas cores, produzidas a partir das primárias, destacando a relação das produções com os temas trabalhados a cada Época da educação Waldorf.

Apesar do trabalho com aquarela ser o foco da obra, Romanelli também explana sobre outras atividades artísticas, tais quais, trabalhos manuais, que têm, como função, o amadurecimento dos sentidos em relação ao espaço e ao movimento dentro dele, para tanto, são desenvolvidas atividades com tricô, crochê, ponto cruz, costura, confecção de bonecas, dentre outras, que, assim como as demais atividades, vão se alternando e se aperfeiçoando no decorrer dos anos. Também são realizadas atividades de desenhos de formas, geometria e que envolvem a teoria de luz e sombras, tendo, como função, aperfeiçoar a motricidade, aliando “a destreza manual com a conscientização das várias direções do espaço por meio de linhas horizontais, verticais, diagonais e curvas.” (p. 237). Outro exemplo de atividade artística utilizada pela escola analisada na obra, é a confecção de papiro, que aconteceu na Época da História do Egito. Essas e outras atividades que constituem vivências comuns na escola Waldorf são descritas e analisadas no quinto capítulo, *A relevância das outras práticas artísticas e artesanais*, sempre do modo didático e acompanhadas por imagens ilustrativas das produções artístico-criativas de alunos e alunas Waldorf.

A autora encerra a obra com o sexto capítulo, *O desenvolvimento cognitivo-afetivo: considerações finais*, em que, a partir da obra, *O Desenvolvimento da Personalidade* de Jung, em que este afirma que “a consciência se desenvolve a partir de certos começos, e não surge logo como algo de completo e acabado” (JUNG, 1981, p. 55 *apud* ROMANELLI, 2018, p. 255), a autora reafirma a importância da arte na pedagogia Waldorf, uma vez que esta oportuniza “alguns começos para que a consciência e o conhecimento do mundo iniciem seu desenvolvimento na criança. (...) A arte pode ser veículo de conteúdos inconscientes para que eles brotem na consciência.” (p. 255), reforçando a ideia do “processo de elaboração artística dos alunos Waldorf como análogo ao processo da imaginação ativa” (p. 256) na teoria de Jung.

Com a análise das produções artísticas do primeiro ao oitavo ano, a autora evidencia o quanto a preocupação para que o desenvolvimento humano não se restrinja apenas ao aspecto cognitivo, evidenciando o esforço de professores/as Waldorf em transformar a teoria em prática, ou seja, em um conhecimento vivenciado. Desse modo, a obra vem reafirmar que a Pedagogia Waldorf proporciona o desenvolvimento do ser humano de modo a exercer autonomia e liberdade, como preconizava Steiner, em sua obra, *A filosofia da liberdade*. Ressaltando que não se trata de uma liberdade sem limites ou compromissos, mas sim, de uma liberdade “fundamentada nas bases sólidas do conhecimento adquirido, da consciência do exercício da vontade com base na moralidade. Tal liberdade só acontece quando ocorre no equilíbrio do pensar e do sentir.” (p. 261).

Romalelli conclui sua obra afirmando ser “possível compreender a arte como articuladora entre a sensibilidade e a razão na medida em que ela se apresenta como mediadora dos conteúdos do inconsciente ao consciente (...) ela [a arte] pode ser subsídio para o desenvolvimento da intuição, da emoção e do sentimento, assim como da razão.” (p. 262), análogo à teoria de Jung.

Desnecessário afirmar que uma obra de cunho tão importante no que tange aos aspectos teóricos e práticos da Pedagogia Waldorf é quase impraticável de ser resumida em tão escassas linhas. No entanto, espera-se que, a partir desta, seja possível despertar (ainda mais) o interesse, tanto pela deliciosa obra de Romanelli, quanto por esse modelo de ensino-aprendizagem que visa, acima de tudo, o desenvolvimento integral do ser humano, com base no respeito ao tempo do/a educando/a, a partir do desenvolvimento do autoconhecimento, por parte, inclusive, do/a professor/a Waldorf. Trata-se de uma obra para ler, observar, sentir e vivenciar.

Data de recebimento: 12.08.2019

Data de aceite: 06.11.2019